

Nome inconveniente - Acontece, porém, que, com o nome "Clementina" chega aos mercados europeus, desde muitos anos, um tipo de tangerina, produzida em quantidade apreciável no Norte da África, na Itália e na Espanha. Exportar a nossa laranja, sob seu nome original, traria grandes confusões. Mesmo aqui já tivemos prova disso quando algumas firmas exportadoras, ao procurar borbulhas da "Clementina", em nossa Estação Experimental, supunham que se tratava da mencionada tangerina.

A vista disso, e antes que se inicie a sua exportação, vimos propor ao "Forum Paulista de Fruticultura" que se dê um novo nome a tão prometedora variedade. Propomos seja ela rebatizada, sob a designação de laranja WESTIN.

Por que esse nome? Perante assembléia do "Forum Paulista de Fruticultura" parece desnecessário qualquer esclarecimento: trata-se de uma homenagem da Seção de Citricultura do Instituto Agronômico ao nosso caro Presidente Perpétuo, Prof. Filipe Westin Cabral de Vasconcelos, que acaba de ser aposentado, depois de mais de 50 anos de contínuo, profícuo e inigualável trabalho, na cátedra e fora dela, em prol da fruticultura nacional.

Eng. Agr. *Silvio Moreira*

-oO-

PROGRAMA DE MELHORIA DA CAFEICULTURA BRASILEIRA (*)

Eng. Agr. *Válter Lazzarini*

1 - INTRODUÇÃO

Devido ao excesso de produção sobre o consumo atual, o problema cafeeiro nacional vem-se agravando anualmente, com tendências a tornar-se pior, com graves efeitos para a economia particular dos lavradores e reflexos muito sérios para a Nação.

As medidas tentadas para a solução do problema têm se preocupado mais com o aspecto financeiro imediato - a colocação da safra em curso - sem corrigir o defeito fundamental, a baixa produção por unidade de superfície das nossas lavouras e a qualidade inferior do produto.

A solução teórica para a questão seria aumentar a produtividade das lavouras, sem o aumento de produção total, com a consequente diminuição do custo de produção e aperfeiçoamento da qualidade do produto. Esse propósito poderia ser conseguido pelo arrancamento das lavouras deficitárias, conservando-se apenas as de alta produtividade e efetuando novos plantios de café, em menor número, porém em condições agronômicas que possibilitassem trato menos dispendioso e, pela alta produtividade, colheita mais bem feita.

Embora o problema seja de difícil solução, devem ser feitos esforços que permitam melhorar a economia da cafeicultura nacional, aparelhando-a para competir nos mercados consumidores mundiais, para o que nosso País tem condições superiores às da maioria dos concorrentes.

2 - BAIXA PRODUTIVIDADE DOS CAFÉZAIS BRASILEIROS

A maior parte das lavouras cafeeiras tiveram produção média, destes últimos anos, de cerca de 25 arrôbas por 1 000 pés, ou pouco mais de 300 quilos de café limpo por hectare. Tal produção, muito baixa, dificulta, inclusive, melhorar a colheita, sendo, por isso, o produto de elevado custo e de qualidade inferior.

Podem ser indicados como principais fatores de baixa produtividade das lavouras os seguintes: variedades não selecionadas, espaçamentos muito largos, esgotamento do solo, falta de adubação, idade e maus tratos dos cafézais.

2.1 - Variedades não selecionadas

A variedade predominante nos cafézais antigos é a *C. arabica*, típica, conhecida como Nacional ou Comum, das menos produtivas daquelas exploradas comercialmente. As sementes das outras variedades, com maior capacidade de produção, cultivadas também extensamente, como Sumatra, Bourbon Vermelho, Bourbon Amarelo e Mando Novo, na maior parte foram obtidas em cafézais comuns, sem nenhum trabalho de seleção, onde nem mesmo a pureza das variedades pode ser garantida plenamente.

2.2 - Espaçamento muito largo

A distância de plantio mais comum dos cafézais é de 16 x 16 palmos, equivalente a uma área de 12 m² destinada a cada planta. A área média da projeção da copa dos cafeeiros é muito menor, ocupando efetivamente pouco mais de 3 m². A perda de terreno, portanto, é grande, alcançando em algumas lavouras 2/3 e até mais da área total. Além da

(*) Conferência pronunciada a 14-10-60, na Biblioteca do Instituto Agronômico, frente aos alunos da Escola Superior de Guerra.